

**NOMADSUSP**

**Habitação social francesa. Volume 1**  
David Sperling. 1997

**como citar este texto:**

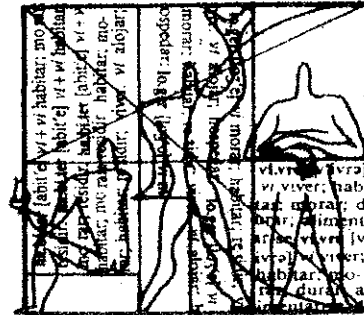
SPERLING, D. .Habitação social francesa. Volume 1. David Sperling. Relatório parcial de Iniciação Científica. Bolsa CNPq-Pibic. São Carlos: EESC-USP, 1997. 200mmx250mm. 75 p., Ilustr. Fotocópia p&b. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>  
Acessado em: dd / mm / aaaa

**RESUMO**

O texto apresenta, em linhas gerais, a evolução das realizações de habitações de baixo custo na França, um dos países precussores na área, desde o final do século passado até os anos 1970, comentando e ilustrando os principais exemplos.

**WWW.NOMADS.USP.BR**

david moreno sperling . orientação: prof. dra. akemi ino . prof. marcelo tramontano



## Habitação Social Francesa

evolução  
recente e  
propostas  
atuais



relatório parcial de iniciação científica . cnpq-pibic . janeiro de 1997  
universidade de são paulo . escola de engenharia de são carlos  
departamento de arquitetura e urbanismo . ghab-grupo de pesquisa em habitação



---

D. Sperling/ A. Ino/ M. Tramontano  
GHab . Grupo de Pesquisa em Habitação  
SAP. EESC/USP  
Caixa Postal 359  
13560-250 São Carlos SP  
Brasil  
Tel (55) (16) 274.9229  
Fax (55) (16) 274.9228  
[sperling@vmcisc.cisc.sc.usp.br](mailto:sperling@vmcisc.cisc.sc.usp.br)  
[inoakemi@vmcisc.cisc.sc.usp.br](mailto:inoakemi@vmcisc.cisc.sc.usp.br)  
[tramont@vmcisc.cisc.sc.usp.br](mailto:tramont@vmcisc.cisc.sc.usp.br)



í

n

d

Introdução

A Casa como Ninho

A Habitação para Todos

A Habitação Flexível

Conclusões Preliminares

---

Sobre a Pesquisa

í

n

d



i

c

e

03

07

17

37

63

---

67

i

c

e





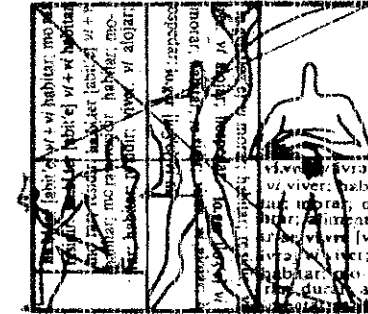
2



---



# Introdução





Historicamente, a França tem exportado para boa parte do mundo ocidental seu modelo de habitação, quer ele abrigue os mais abastados, quer destine-se às classes populares. A tripartição do espaço doméstico em áreas Social, Íntima e de Serviços, no século 19, e a própria noção, amadurecida no início do nosso século, de que cabe ao Estado alojar aquela parcela da população incapaz de fazê-lo por si só, já lhe garantiriam um lugar privilegiado no estudo do desenho da Habitação. A França foi um dos primeiros países do mundo a institucionalizar a concepção e realização de habitações sociais, incluindo seu desenho entre as atribuições do arquiteto. A habitação foi, ao longo de quase todo o presente século, considerada pelos governos franceses como um vasto campo de pesquisas no qual vale a pena investir.

5

---

O Ghab, Grupo de Pesquisa em Habitação da EESC-USP, cujo principal objetivo é o estudo e a produção de alternativas espaciais e tecnológicas àquelas comumente utilizadas no projeto da habitação social brasileira, está, atualmente, procurando rever estes modelos, fazendo um questionamento de seu desenho em relação às novas necessidades da sociedade brasileira: seu novo perfil demográfico, seus modos de vida emergentes, a diversidade da composição de seus grupos domésticos. No entanto, as experiências brasileiras de redesenho do espaço da habitação social revelam-se, paralelamente, ainda muito incipientes.

6



## A Casa como Ninho

---







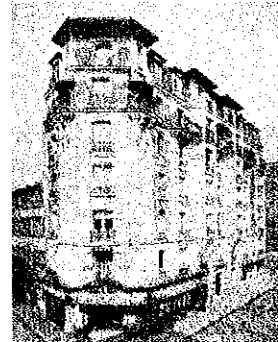
A família francesa do século XIX é um ser moral fundado sobre o casamento monogâmico. Uma construção racional e voluntária, com fortes laços espirituais, o todo superior às partes. O chefe é o pai, e apenas a sua morte dissolve a família. A divisão sexual de papéis baseia-se em uma oposição passivo/ativo e interior/exterior. A característica deste século reside na polarização em torno do casamento - resultando na dupla rejeição do homossexual e do celibatário - que tende a absorver todas as funções. Após o casamento, a estrutura conjugal passa a ser praticamente inquestionada, e o divórcio permanece marginal: o recenseamento de 1901 registra 53 divorciados para cada 10 mil franceses do sexo masculino, casados, de dezoito a



<sup>1</sup> PERROT, Michelle - A família triunfante, *in*: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, Companhia das Letras, São Paulo, 1987, vol.4. pp. 93-192

cinquenta anos, e 70 divorciadas para cada 10 mil francesas de quinze a quarenta e cinco anos. A historiadora Michelle Perrot<sup>1</sup> aponta que os filhos são objeto de todo tipo de investimento: afetivo, econômico, educativo, existencial. Em torno do núcleo central pais-filhos, desenham-se os círculos de uma parentela mais ou menos ampla, conforme os tipos de família, as formas de habitação, as migrações e os meios sociais. Nesta sociedade, onde a célula civil é a família nuclear, a casa é o ninho, um lugar privado em contraposição com o espaço público. A mesa, ao redor da qual a família se reúne para as refeições, é o centro da convivência. É também, ao lado da sala de estar, o lado receptivo da habitação, lugar de ostentação e recepções sociais.

O espaço tripartido estrutura-se verticalmente - serviços (espaços de rejeição) no subsolo, recepção (espaços de prestígio) no andar térreo, e os quartos e suas dependências (espaços íntimos) no pavimento superior - ou através de outro sistema de hierarquização, ligado à forma de habitar: os cômodos principais de recepção abrindo-se para a rua, os quartos no centro, e os espaços de serviço para os fundos, acessíveis por longos corredores. Aplicado posteriormente na horizontal, esse esquema de organização espacial tornou-se um princípio para arquitetos de todo o mundo.



10

Extremamente relacionados com o *modus vivendi* da época, outros espaços são concebidos na moradia: sala de fumar (espaço masculino, de pequenas dimensões, para recepções íntimas), sala de bilhar, salão de senhoras, quarto de vestir. A copa permite uma transição entre a cozinha, vista como poluente, e a sala de jantar, lugar de recepção: receber à mesa torna-se um rito e a distribuição se adapta. Facilitar o serviço vai conduzir a uma aproximação entre cozinha e sala de jantar, ligada à evolução do papel feminino, à diminuição do número de empregados domésticos e ao desenvolvimento de equipamentos domésticos.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> GUERRAND, Roger-Henry - Espaços Privados, *in*: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Companhia das Letras, São Paulo, 1987, vol.4, pp. 325-412

<sup>3</sup> PERROT, Michelle - *Maneiras de Morar, in: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, op. cit., p. 319*

A casa é, também, um elemento de fixação, característica importante para a constituição das vilas operárias na estratégia patronal de formação de uma mão-de-obra estável. As classes populares, amontoadas em cortiços, desenvolvem de forma diferente sua intimidade em imóveis coletivos e, normalmente, sem higiene, alugados por semana por empresários especuladores. Como observa Michelle Perrot<sup>3</sup>, o interior destas habitações superpovoadas abrigava poucos móveis e poucos objetos: cobertas, utensílios de cozinha, uma mesa e algumas cadeiras. Apenas um abrigo coletivo contra as intempéries, um espaço a ser dividido após as longas horas de trabalho. Interrogados sobre sua condição, os trabalhadores aspiravam moradias



11

<sup>4</sup> PERROT, Michelle, - *Maneiras de Morar, in: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra op. cit. p 319*

personalizadas e eram contra a padronização que normalmente remetia às vilas operárias.<sup>4</sup>

Em situação igualmente precária viviam os camponeses, em pequenas choupanas mal iluminadas e mal ventiladas onde toda a família se amontoava sobre o mesmo leito e dividia o restrito espaço com os animais. Esta condição do pobre na periferia ou na zona rural, sem hábitos mínimos de higiene, acaba por trazer inúmeras pestes como o cólera e a febre tifóide, além de doenças como a tuberculose.

Neste período, já eram esboçadas as primeiras utopias e tomadas as primeiras medidas higienistas no sentido de reverter as condições de habitação de grande parte da população francesa. Em fins de 1851, é inaugurada a *Cité Napoléon*, um conjunto em torno de um pátio central, destinado a abrigar seiscentas pessoas em duzentas habitações de dois cômodos e cozinha.<sup>5</sup> Paralelamente, são fundadas a Sociedade de Habitações Econômicas, a Sociedade Anônima Imobiliária das Pequenas Residências, a Sociedade Anônima das Moradias Econômicas e a Sociedade Francesa de Habitações Baratas, sociedades privadas, auxiliadas por financiamento estatal, para a construção de moradias populares.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> GUERRAND, Roger-Henry, *op. cit.*, pp. 362-363

<sup>6</sup> GUERRAND, Roger-Henry, *op. cit.*, pp. 364-366



---

Charles Fourier apresenta sua utopia do habitat unitário, os falanstérios ou “palácios societários”, capazes de abrigar até 3500 pessoas em regime comunitário, servidas por equipamentos coletivos. Apesar de não aplicadas em sua totalidade, somente a partir do lançamento das idéias fourieristas é que uma habitação moderna - no sentido técnico - pôde ser oferecida às famílias operárias francesas.<sup>7</sup> O ar, através de sistemas de ventilação em cada apartamento e pátios arejados; a água, servida em cada moradia e nas lavanderias; a luz, por meio da orientação da habitação para a fachada e para o pátio interno e, à noite, a iluminação a gás, são valorizados como agentes higienistas necessários a uma vida sadia.

<sup>7</sup> GUERRAND, Roger-Henry, *op. cit.*, pp.366-379

Entre o período haussmanniano e os primeiros passos do que se convencionou chamar de Movimento Moderno em arquitetura, o interesse sobre a questão habitacional se fixa nos imóveis de aluguel edificadas em Paris de 1880 a 1914. O engenheiro Auguste Perret e os arquitetos Henri Sauvage e Henri Guimard, Charles Plumet, Louis Sorel, Auguste Bluyesen são reconhecidos como os grandes do momento,



13

---

<sup>8</sup> ELEB-VIDAL, Monique - L'Art du Plan et de la Lumière, *in*: Rev. Techniques et Architecture n. 375. Paris, 1987, pp.138-141

contribuindo decisivamente para uma evolução da planta, da distribuição dos espaços internos e das aberturas: *bow-windows* - janelas em avanço - qualificam a produção desta época. Segundo a pesquisadora Monique Eleb-Vidal<sup>8</sup>, os cômodos das habitações de aluguel moderado, à primeira vista pequenos e inóspitos, são, nesta época, do ponto de vista do conforto e da higiene, notavelmente superiores ao nível médio das habitações usualmente reservadas a esta classe social.

Em junho de 1904 é inaugurada em Paris, no número 7 da *rue de Trétaigne*, como resultado de concurso, o primeiro imóvel construído pela Sociedade de Moradias Higiênicas Baratas. Projetado por Henri Sauvage, com estrutura de concreto de cinco andares preenchida com tijolos, o edifício possuía todos os dispositivos comunitários exigidos pelos utopistas e higienistas para habitações operárias: sala de banho coletiva com duchas, armazém para uma cooperativa de consumo, um restaurante popular e

<sup>9</sup> *Habitation à Bon Marché*, habitação barata

14



um jardim suspenso. Sauvage construirá outras habitações populares, até aquela considerada como a principal realização H.B.M.<sup>9</sup> do período, na *rue des Amiraux*, em 1922<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> GUERRAND, Roger-Henry, *op. cit.*, pp. 325-412

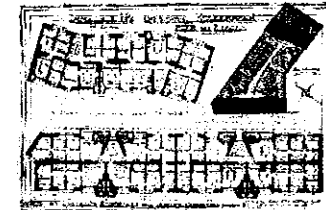
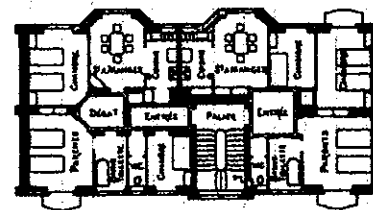
Os *Offices Publics d'Habitations à Loyer Modéré, HLM*<sup>11</sup>, nasceram da aplicação da lei de 23 de dezembro de 1912 e, até 1950, chamavam-se *Offices Publics d'Habitations à Bon Marché, HBM*<sup>12</sup>, e, em 1954, já possuíam 300 escritórios públicos, entre departamentais (estaduais) e municipais.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Escritórios Públicos de Habitações de Aluguel Moderado

<sup>12</sup> Escritórios Públicos de Habitações Baratas

<sup>13</sup> Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 86-87, 1957, p. 13.

O primeiro concurso organizado pela cidade de Paris para a construção de habitações HBM, em agosto de 1912, inspirou-se diretamente no de 1904. Nenhum dos 111 projetos apresentados fugia às questões debatidas pelos higienistas - moradias

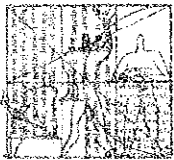


15

<sup>14</sup> GUERRAND, Roger-Henry, *op. cit.*, pp. 398-401

proporcionais à dimensão das famílias, cômodos independentes e racionalização das necessidades - ou da tripartição, tradicionalmente encontrada nas casas burguesas, em zonas íntima, social e de serviços.<sup>14</sup>





# A Habitação para Todos





<sup>15</sup> JULIENNE, L., MANDON, J.M. - Le logement en question: une mutation qui tarde, in: Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 239, 1986, pp. 42-47

A partir do começo do nosso século até o final dos anos 40, segundo apontam os arquitetos Loïc Julienne e Jean-Marie Mandon<sup>15</sup>, dá-se a lenta maturação de um compromisso entre o cortiço e o apartamento burguês do final do século XIX, no qual as partes comuns tornaram-se progressivamente autônomas, individuais ou técnicas, onde, na maioria dos casos, a presença de arquitetos reduz-se à sistematização de modelos e sua consequência lógica, à futura industrialização da construção. A pesquisa habitacional limitou-se a buscar meios de atender a crescente demanda por



19

---

moradias, em detrimento da qualificação do espaço de morar.

Defensor da pré-fabricação industrial do edifício, Marcel Lods acreditava ser a experimentação industrial uma resposta moderna aos problemas da habitação e da degradação das periferias.

Em associação com Eugène Beaudoin e em colaboração com Jean Prouvé, Lods realiza dois grandes conjuntos: a *Cité du Champ des Oiseaux*, de 1929 a 1939, e a *Cité de la Muette*, de 1931 a 1934. Aperfeiçoando uma série de ensaios efetuados dentro do mesmo tema por seus precursores, entre os quais Henri Sauvage, Lods realizou, em *Champ des Oiseaux* o primeiro grande canteiro de habitações pré-fabricadas da França, por encomenda da Sociedade Anônima de HBM de *Pax*. As habitações eram concebidas em peças de concreto, fachadas e pisos produzidos em usina e colocados com um



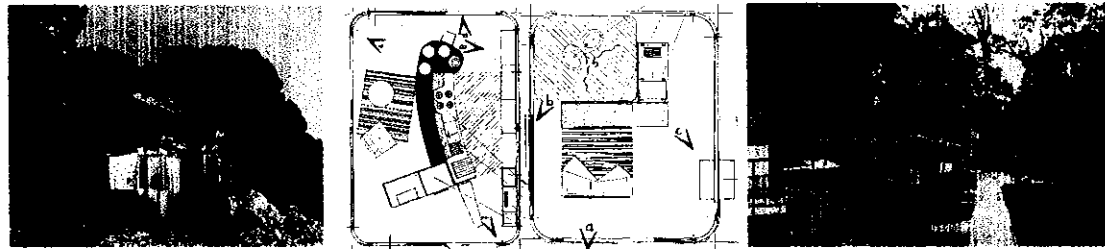
20

mínimo de mão-de-obra sobre uma ossatura metálica. O segundo projeto, o da *Cité de la Muette*, em *Drancy*, obedece à composição racional clássica do Movimento Moderno - a *Zeilenbau*<sup>16</sup> - em que as habitações são alinhadas dentro de paralelepípedos de 60 metros de espessura por 350 de extensão, entre os quais situam-se os jardins.

Torres de grande altura coexistem ao lado de barras de dois ou três andares, construídas, como em *Champ des Oiseaux*, a partir de peças de concreto vibrado, executadas em usinas e montadas a seco sobre estrutura metálica.

<sup>16</sup> Implantação dos edifícios em fileiras alinhadas. Ver TRAMONTANO, M. - *Habitação Moderna: a construção de um conceito*, EESC/USP. São Carlos, 1993. pp. 52-57

Paralelamente, Lods realiza protótipos de habitações unifamiliares industrializadas até a década de 70. Terminada a Segunda Guerra, ele se associa ao *Atelier* Jean Prouvé para o estudo de uma habitação de montagem rápida, constituída por elementos pré-fabricados em usina, reproduzível em larga escala. A habitação, de dois pavimentos, é dividida em várias zonas: serviços, recepção e zona de habitação para as crianças.



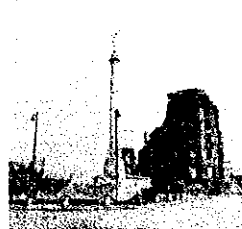
21

---

sendo que a parte inferior compreende o *atelier*, a garagem, lavanderia e os equipamentos do aquecimento central. Nos anos 70, uma última tentativa de casa pré-fabricada é feita por Lods, com o protótipo RAE, para a Sociedade de HLM *Pax et Progrès*.

O ano de 1940 representa a data de nascimento de uma política francesa global para a habitação, que coincide com a criação, no país, da Ordem dos Arquitetos. Os bombardeios aéreos de 1944, mais destruidores do que os bombardeios terrestres de 1940, aniquilaram os sistemas urbanos das cidades. Esta *tabula rasa* será vista como uma oportunidade de acabar com a velha cidade insalubre, denunciada, há já quarenta

22



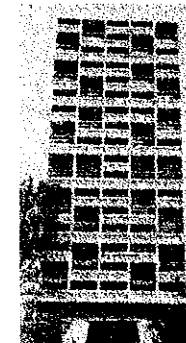
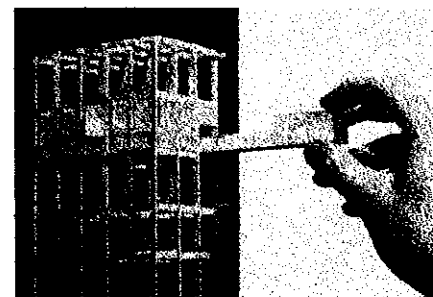
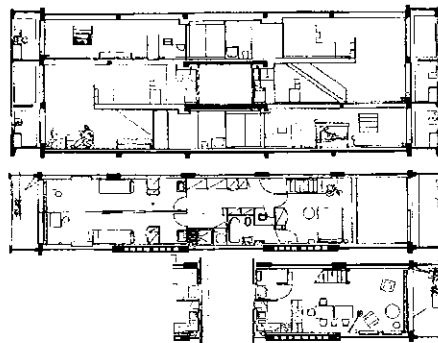
anos, pelos higienistas. A *tabula rasa* será, aliás, a base do protocolo de modernidade urbana do pós-guerra.<sup>17</sup>

O nascimento do Ministério da Reconstrução e do Urbanismo, em 1944, substituiu a DGEN, *Délégation Générale à l'Équipement National*, instalando progressivamente um sistema administrativo e financeiro.

<sup>17</sup> Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui  
n. 303, pp. 75-95

<sup>18</sup> Edifícios sem destinação individual.

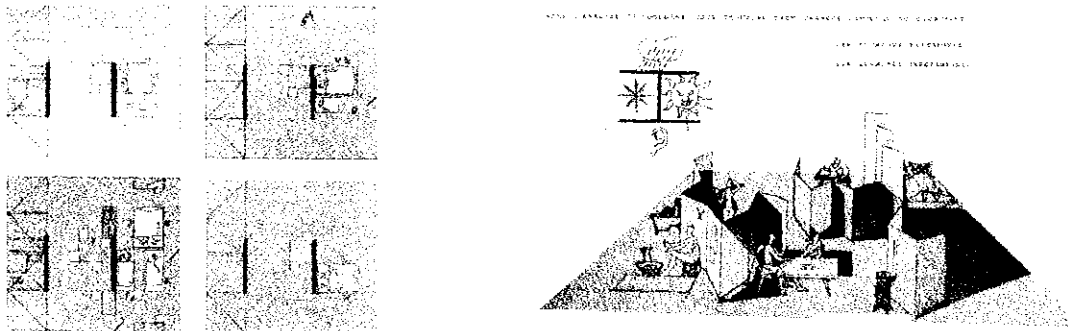
Em 1945, Le Corbusier inicia os estudos da *Unité d'Habitation de Marseille*, incentivado por um procedimento do Ministério da Reconstrução que se dispõe a financiar imóveis ditos ISAI (*Immeubles sans affectation individuelle*<sup>18</sup>), favorecendo projetos experimentais. O Ministério dava inteira liberdade ao arquiteto para que exprimisse - pela primeira vez e de maneira integral - seus conceitos sobre a habitação



moderna. Le Corbusier tem, então, a possibilidade de enfrentar os graves problemas do momento. Destinada à classe média, a *Unité* antecipa, de certa forma, as pesquisas sobre a adequação do espaço da habitação ao perfil do habitante: celibatários, casais, famílias com 2, 4, 6 ou mais filhos. Neste trabalho contribui o arquiteto George Candilis, também um dos personagens de destaque na área habitacional francesa.



Candilis, antecipando certos pontos de vista dos arquitetos dos anos 60, desenvolve sua obra habitacional por meio de questões claras: as habitações e as estruturas anexas. As habitações são consideradas como servidas e as estruturas anexas - ruas, vias e serviços, espaços para atividades pedagógicas, culturais, sociais e comerciais, se consideram elementos de serviço. Seu ponto de partida é a organização da planta, ou melhor, as atividades humanas que se desenvolvem na esfera privada e na pública. Uma vez que estas são apenas parcialmente previsíveis, sua principal atenção se



24

orientava para a distinção entre os elementos que, temporariamente, são relativamente determináveis, e os que, em um período dado, são sujeitos a uma transformação. Não há distinção entre espaços com funções específicas, senão entre dois grupos dados: os que possuem funções relativamente fixas durante um período de tempo, e aqueles cujas funções são transformáveis. Entre os elementos relativamente fixos da habitação estão a circulação, as escadas e as instalações sanitárias; entre os transformáveis estão o que ele chama de funções gerais, as zonas de estar e os dormitórios.<sup>19</sup>

<sup>19</sup> JOEDICKE, J. - Candilis, Josic, Woods, Uma década de Arquitetura e Urbanismo, Gustavo Gilli, Barcelona, 1968

<sup>20</sup> PROST, Antoine - Fronteiras e espaços do privado, *in*: História da Vida Privada - Da Primeira Guerra a nossos dias, Companhia das Letras, São Paulo, 1987, vol.5, pp. 62-69

Apesar das primeiras iniciativas da nova política habitacional, o recenseamento de 1954 mostra uma imagem impressionante do arcaísmo habitacional no país. Em 13,4 milhões de casas, pouco mais da metade (58,4%) possui água encanada; uma casa em cada quatro dispõe de banheiros próprios (26,6%), uma em cada dez (10,4%) possui banheira ou chuveiro e/ou aquecimento central<sup>20</sup>. Não é sem razão que o começo dos anos 50 marca uma transformação sem precedentes na habitação francesa: a construção de imóveis novos ultrapassa 100 mil por ano em 1953, 300 mil em 1959 e 400 mil em 1965. Este esforço recebeu incentivo considerável do poder público, a partir de 1953 até 1960, quando o capital privado voltou a investir na construção de moradias, negócio novamente rentável devido ao aumento dos



25

<sup>21</sup> PROST, Antoine, *op. cit.*, pp. 62-69

aluguéis.<sup>21</sup>

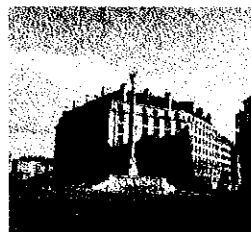
<sup>22</sup> Salão das Artes Domésticas

O *Salon des Arts Ménagers*<sup>22</sup>, criado no início dos anos 20, foi o vetor popular da propaganda modernista sobre a habitação, absorvendo os antigos congressos internacionais de urbanismo e habitação. Seus expositores eram, basicamente, os fabricantes de eletrodomésticos e de mobiliário, os construtores de habitações individuais e os órgãos controladores.

A habitação coletiva dos anos 50 revelava formas exteriores extremamente variadas, tipos que existiam já há vinte anos e que se diferenciavam fortemente de seus ancestrais, os imóveis de rendimentos e "caixas de aluguel"<sup>23</sup> do século XIX. A criação de novas plantas para os edifícios de apartamentos, nesta época, é fato recente. Em toda a França, vários fatores fazem surgir concepções novas ou provocam mudanças profundas, tanto nas plantas das células da habitação como no agrupamento dentro do espaço construído: a necessidade súbita de se construir rapidamente um grande número de habitações, consequência não somente da guerra e de suas destruições maciças, mas também do aumento importante de população dentro dos centros urbanos; a paralela introdução dos princípios de arquitetura e urbanismo modernos e de seus corolários - muitos deles através dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) -, fatores que não haviam jamais sido levados em consideração pela construção puramente especulativa, responsável pelas piores repercussões sobre

<sup>23</sup> pequenos cômodos divididos por várias famílias operárias

26



os planos demográfico, sanitário e social; a iniciativa crescente e o controle administrativo do Estado e das coletividades em matéria de construção de habitações; o aumento geral do nível de instrução das massas; o desejo de melhorar o nível do habitat e de seu equipamento; os estudos sistemáticos da racionalização da planta e das técnicas construtivas e o desenvolvimento de seus extremos, onde sua função importante é reconhecida sobre o plano da economia nacional; a evolução dos modos de vida do homem moderno; o ritmo e a intensidade da atividade profissional que englobam um número sempre crescente de indivíduos, homens e mulheres; e o ciclo diário que tende a absorver todas as energias, sem deixar tempo nem reservas físicas necessárias para assegurar um trabalho doméstico.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Dados extraídos de PERSITZ, Alexandre - Notes sur L'Habitation Collective, in: Rev. L'Architecture D'Aujourd'hui n. 16-17, 1948, p. 2

A habitação coletiva deveria responder às necessidades múltiplas e diferenciadas de um certo número de categorias de habitantes, muito diferentes entre si por suas características sociais e demográficas. A condição de vida dentro dos grandes centros urbanos, a desintegração do sistema de patriarcado familiar, colocavam para a habitação de certas classes da população alguns problemas que estavam, diga-se,

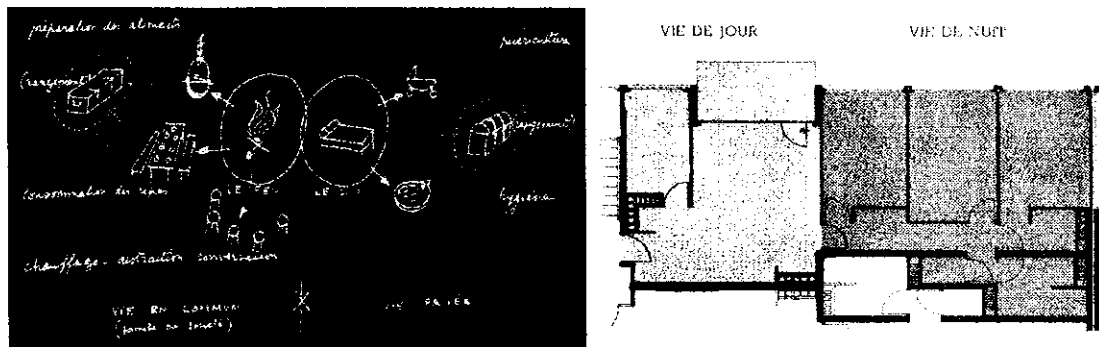


27

---

longe de serem resolvidos. Jovens, estudantes ou aprendizes, sem família, pessoas vivendo sós, trabalhadores dos dois sexos, jovens morando juntos sem filhos, com filhos onde os dois exercem uma ocupação profissional, aposentados, idosos, deficientes físicos... Várias categorias que a habitação racional e econômica não poderia supôr cobrir senão dentro do quadro de uma organização coletiva, mas que deveria, ao mesmo tempo, corresponder ao ritmo particular de cada existência. E não limitar-se à simples alocação de superfície viável mínima dentro de uma estrutura qualquer.

Na realidade, as pesquisas se realizavam em torno da habitação “mínima”, crendo-se que a redução da superfície da moradia ao mínimo necessário levaria ao preço igualmente mínimo. A justa medida tenderia à economia, enquanto a medida na escala do homem tenderia à harmonia. As justas medidas permitiriam *standartizar* os elementos da habitação. E *standartizar* permitiria, à indústria, fabricar em grande escala e alinhar a arte de construir com o ritmo moderno de produção. O modelo moderno da habitação-para-todos, com sua uniformidade de soluções, supostamente pretendia uma democratização do espaço que atenderia às necessidades de todos os moradores através de um resultado projetual economicamente viável.

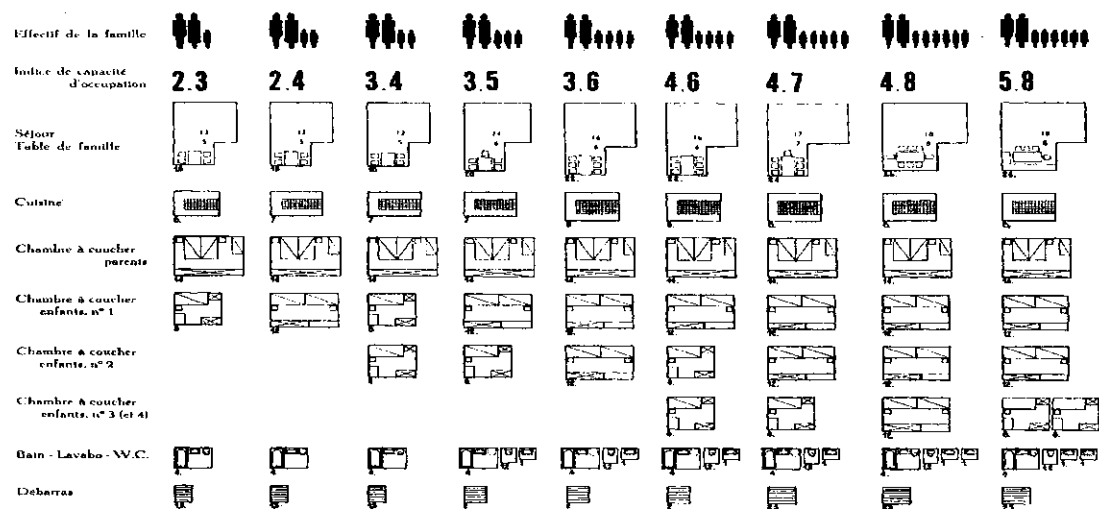


28

A habitação *standartizada* para um homem-tipo substitui a tripartição da moradia burguesa do final do século XIX por uma bipartição, seja ela baseada na divisão noite/dia, pais/filhos ou vida comum (fogo)/vida privada(leito) e caracterizada por um programa-tipo e espaços monofuncionais como sala, cozinha, quartos e banheiro, invariavelmente acessíveis a partir de um hall de entrada e de um corredor de distribuição. A moradia-tipo e a crença numa certa unicidade de modos de vida inibiram, assim, até pela extrema conveniência de sua fórmula, qualquer pesquisa portadora de um pensamento questionador da arquitetura, passando a ser mencionada apenas como ideal de aperfeiçoamento de uma tipologia definida.

<sup>25</sup> ["A partir dos anos 50 e 60 e com o objetivo de minimizar os efeitos de uma crise cuja gravidade terminou por pesar sobre o desenvolvimento econômico do país, lançou-se um programa de construção de habitações sociais sob a forma de grandes conjuntos HLM, verdadeiras usinas de alojar trabalhadores, sempre situadas longe dos centros das cidades dentro de campos de beterrabas, sem meios de transportes públicos nem equipamentos coletivos (...) para fazer estas operações, nunca se levou em consideração os efeitos sobre o meio-ambiente e menos ainda o desejo dos habitantes. Tudo foi submetido aos imperativos de rentabilidade dos grupos financeiros onipotentes e dos industriais da pré-fabricação pesada, que pela voz de seus tecnocratas de

A resposta à tremenda crise habitacional do pós-guerra foi a construção de grandes conjuntos habitacionais de filiação moderna que determinavam uma unidade-tipo para um homem-tipo, como resume o arquiteto Bernard Huet, em entrevista de 1974: *à partir des années 50 et 60 et dans le but de pallier aux effets d'une crise dont la gravité finissait par peser lourdement sur le développement économique du pays, on lança un programme de construction de logements sociaux sous forme de grands ensembles*



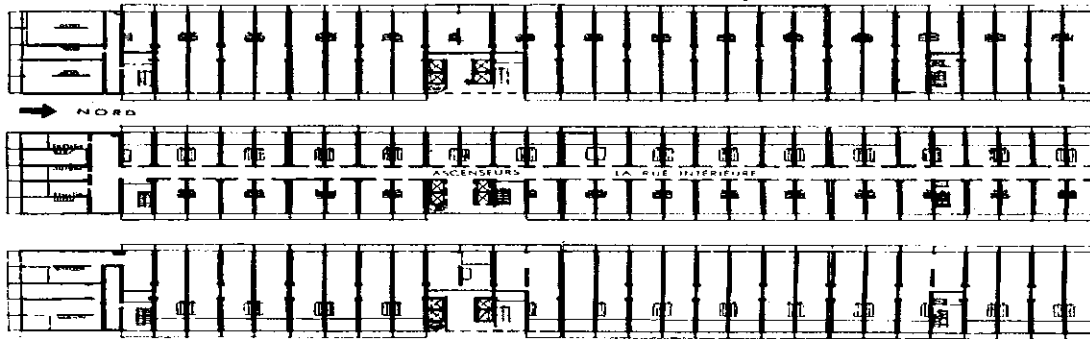
plantão, funcionários, engenheiros e arquitetos, ditaram, ao nome da 'racionalidade' econômica as normas a cumprir e as prestações (mínimas) oferecidas. Com a ajuda da penúria, cuidadosamente mantida, fez-se crer aos franceses durante anos que nenhuma outra alternativa era possível." HUET, B. - "Dossier Recherche Habitat", in: Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui, n. 176, 1974, p. 1.

*HLM., véritables usines à loger l'ouvrier, toujours situés loin des centres des villes dans des plaines à betteraves, sans moyens de transports publics ni équipements collectifs. Huet prossegue: ...pour faire ces opérations on ne prit jamais en considération ni les effets sur l'environnement moins encore le désir des habitants. Tout fut soumis aux impératifs de rentabilité des groupes financiers onnipotents et des industriels de la préfabrication lourde qui, par la voix de leurs technocrates de service, fonctionnaires, ingénieurs et architectes, dictèrent au nom de la 'rationalité' économique les normes à tenir et les prestations (minimales) à fournir. La pénurie, soigneusement maintenue, aidant, on fit croire pendant des années aux Français qu'aucune autre alternative n'était possible.*<sup>25</sup>

Passando rapidamente em revista os principais tipos de imóveis coletivos projetados no período, encontramos um certo número de exemplos característicos:

IMÓVEL "ENTRE MUROS" - uma escada central serve dois, três ou quatro apartamentos por andar.

IMÓVEL ISOLADO - uma escada central serve três, quatro ou mais apartamentos por andar, com duas variantes principais: tipo "em paralelepípedo" sobre um plano compacto retangular, com escada não iluminada diretamente e altura variando entre oito e dez pavimentos; tipo "em asa" com a escada constituindo o centro de uma cruz,



30

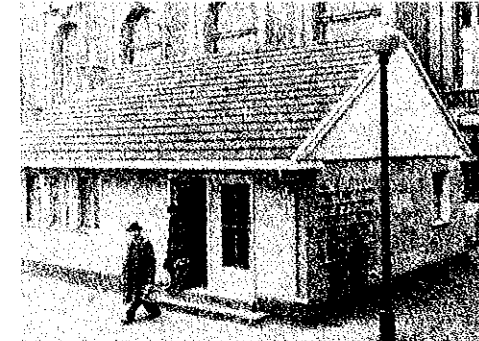
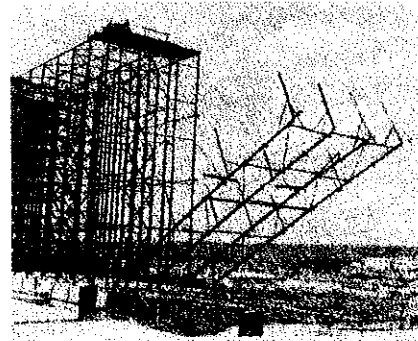
de um trevo, de uma estrela de cinco pontas, cada corpo do edifício contendo um ou dois apartamentos por andar.

IMÓVEL COM CORREDOR EXTERNO - circulação vertical agrupada e servindo a um grande número de apartamentos por andar, acessíveis a partir de um corredor a cada andar não permitindo células de superfície relativamente reduzida em razão da impossibilidade de orientar os quartos para o corredor; ou a partir de um corredor a cada dois ou três andares, com células mínimas e apartamentos em dois níveis ocupando toda a profundidade do edifício do nível superior ao inferior. Os apartamentos são, assim, delimitados pelas galerias contínuas de um lado, e pelos balcões individuais, de outro.

<sup>26</sup> Posteriormente, George Candilis iria avaliar as qualidades deste imóvel semi-duplex como a transparência e a dupla orientação do apartamento; a economia geral pela orientação da habitação em profundidade com um mínimo de fachada; as circulações por ruas interiores servindo vários andares; um mínimo de canalizações pelo agrupamento dos sanitários e cozinha no centro do imóvel; separação das funções básicas da vida cotidiana por diferença de nível (reunir-se: sala comum; isolar-se: quartos); agrupamento das funções secundárias no centro do imóvel e liberação das fachadas; máximo de economia em superfície e em volume dentro das soluções duplex. Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n.46, 1952, p.87

IMÓVEL COM CORREDOR CENTRAL. - corredor em cada andar, apartamentos dos dois lados do corredor, exigindo orientação leste-oeste; corredor a cada dois andares ou, como na *Unité d'Habitation de Marseille*, de Le Corbusier, a cada três andares, com um dos pavimentos ocupando toda a profundidade do edifício.<sup>25</sup>

Esse momento é marcado pela experimentação técnica e pela pré-fabricação em concreto e metal, que descendia dos canteiros de Eugène Beaudoin e Marcel Lods nos



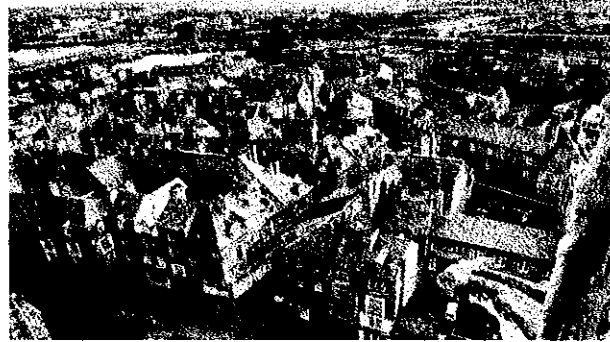
<sup>27</sup> Centro Científico e Técnico do Edifício

<sup>28</sup> Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui n.136, 1968

anos 30. O *Centre Scientifique et Technique du Bâtiment*, CSTB,<sup>27</sup> é criado para encorajar o crescimento da industrialização das construções. Os modelos industrializados à base de placas de concreto sobre ossatura metálica são estudados pelo grupo *Maisons Phoenix*, um dos gigantes franceses da casa pré-fabricada, e expostos no *Salon des Arts Ménagers* de 1949, juntamente com os protótipos de Jean Prouvé, que alia às suas pesquisas de industrialização dos elementos a partir dos materiais escolhidos - aço, alumínio, vidro ou concreto<sup>28</sup> - a realização da primeira aplicação do bloco técnico central agrupando todos os serviços: cozinha, sanitário e aquecimento.



Y. Salaün, diretor do *Office Central Interprofessionnel du Logement*<sup>29</sup> durante o ano de 1954, citou as tendências a serem seguidas pela política de habitação: redução dos preços de custo com manutenção da qualidade; reaproximação progressiva dos aluguéis de imóveis antigos e novos de mesma qualidade; organização dos bairros a serem renovados, tanto quanto construir externamente às aglomerações existentes.<sup>30</sup>



32

<sup>29</sup> Escritório Central Interprofissional da Moradia

<sup>30</sup> Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 86-87, 1957, p. 13

---

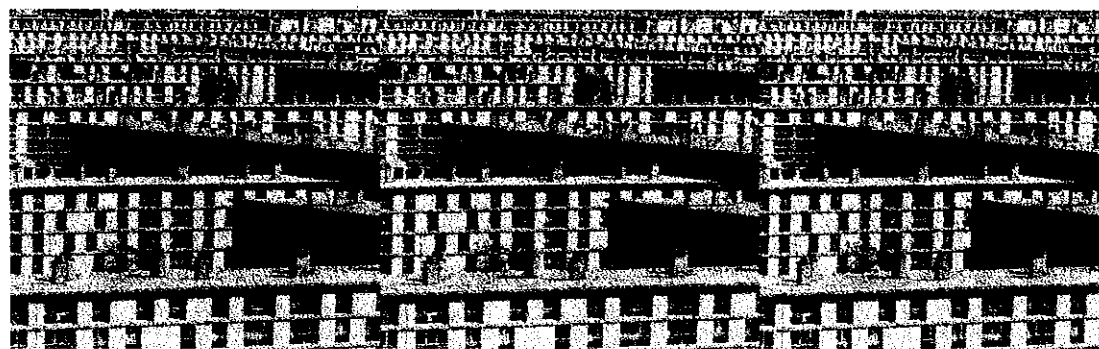
No ano seguinte, o *Centre d'Etudes des Groupes Sociaux*<sup>31</sup> realizou uma série de enquetes na região parisiense procurando definir as necessidades e os desejos fundamentais colocados pelas famílias em relação à habitação social. Em hierarquia, foram citadas as necessidades de espaço, de organização e apropriação do espaço, de independência dos grupos de pessoas no interior da habitação, de repouso, de separação das funções, de um ser-estar livre dos serviços cotidianos, de intimidade do grupo familiar, de ser bem considerado socialmente, de adaptação da planta e da organização às estruturas familiares, de relações sociais exteriores<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> Centro de Estudos de Grupos Sociais

<sup>32</sup> Rev. Techniques & Architecture n.2 (19), 1959, pp. 76-77

<sup>33</sup> Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 86-87, 1957, pp. 13

E. Breithaupt, diretor do Escritório de *HLM de la Seine* afirmava, em 1957<sup>33</sup>, que a política de habitação deveria orientar-se por meios financeiros consideravelmente maiores, pela racionalização das plantas e pela industrialização dos canteiros, e que somente os grandes conjuntos realizados em regiões ainda rurais ou em periferias de centros urbanos pela renovação de quadras antigas poderiam fazer face aos desejos correntes e permitir uma implantação racional e organizar industrialmente o canteiro. No plano social, o grande conjunto deveria conter todos os elementos capazes de assegurar a segurança de seus habitantes, de proteger sua saúde, de satisfazer suas necessidades intelectuais ou culturais, de proporcionar-lhes lazer, o que,

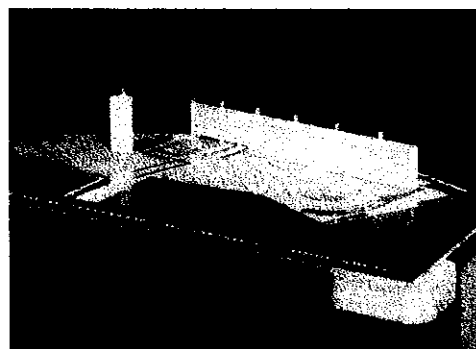
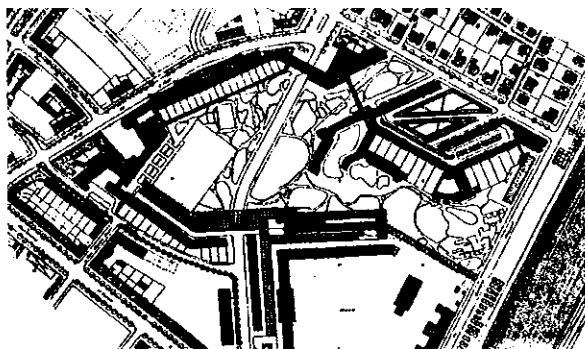


33

provavelmente, se traduziria pela presença de creches, centros de saúde, hospitais, casas para pessoas idosas, escolas, bibliotecas, salas de reuniões e de espetáculos, e terrenos de jogos e esportes. Combatendo críticas, Breithaupt argumenta que a uniformidade dos grandes conjuntos é mais aparente que real, e que os arquitetos procuravam criar a variedade pela diversidade de volumes, pela fantasia que inspira a implantação dos edifícios, pela criação de espaços verdes. Por outro lado, admite a possibilidade da ocorrência de tédio dos moradores, mas a julga preferível à revolta - legítima, de resto - que nasce no coração dos mal-alojados.

Em 1951, no concurso para 800 habitações na cidade de Rotterdam, Eugène Beaudoin propõe a implantação de três grandes barras em torno de um grande jardim destinado às crianças. Era o nascimento da grande barra como tipologia privilegiada para a habitação de massa francesa do pós-guerra, a primeira composição a antecipar o arquétipo do grande conjunto, o qual iria marcar a grande maioria da produção francesa até meados dos anos 70, baseados na aplicação das leis do urbanismo moderno, resumidas por Le Corbusier na Carta de Atenas.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> DUMONT, Marie-Jeanne, FROMONOT  
- Le Logement, une histoire  
française, *in*: Rev. L'Architecture  
D'Aujourd'Hui. 303, 1996, pp.75-95



34

---

A despeito das normas de superfícies mínimas, a célula universal cristaliza, nos anos 50, um sonho de conforto familiar exacerbado, como se houvesse trocado a superfície pelo conforto. O lugar privilegiado deste esforço de modernização é a cozinha iluminada, mobiliada com inox e plástico, equipada com eletrodomésticos, americanizando a habitação.

<sup>35</sup> Revista Techniques & Architecture  
n. 2 (19), pp. 92-114

A revista Techniques & Architecture<sup>35</sup>, procura apresentar, já em 1959, o ponto de vista de vários arquitetos - entre eles Emile Aillaud e Marcel Lods - sobre a necessidade e a possibilidade dos arquitetos exercerem influência sobre o modo de vida dos habitantes, sobre a necessidade do hall e do corredor nas habitações, e a escolha entre uma pequena habitação bem equipada ou uma maior sem equipamentos, demonstrando uma necessidade crescente de reflexão sobre o espaço de morar. Em seguida, a revista



35

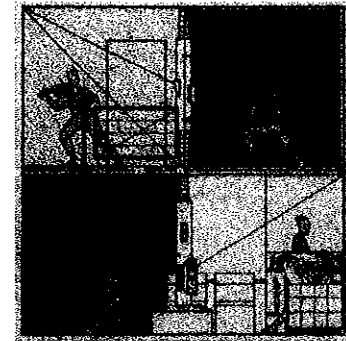
---

cede lugar à enquete do Ministério da Construção, em que foram colhidas críticas graves de mais de trezentos moradores de conjuntos HLM na região parisiense com relação a sua moradia. As principais: área insuficiente, difícil organização da habitação decorrente do mau posicionamento de portas e janelas, separação insuficiente entre sala e cozinha e erros de construção e equipamentos - insonorização inexistente e ventilação natural ruim.



---

# A Habitação Flexível



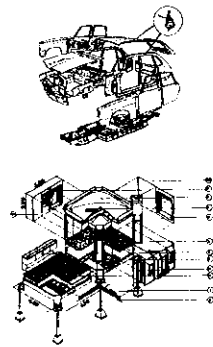


<sup>36</sup> [Para recuperar uma coerência de concepção dos tecidos espontâneos, a organização não deve ser necessariamente produto apenas de um plano de urbanismo (plano de massa ou plano diretor) mas, antes, conformar-se a um certo número de regras de ocupação de espaços que constituiriam, de certa maneira, a gramática das intervenções coletivas.

O arquiteto ou o urbanista não são mais nada além de técnicos capazes de auxiliar os grupos sociais a elaborar este código, com a ajuda do qual os indivíduos e os grupos sociais poderiam criar livremente sua dinâmica espacial] *in*: Revista Techniques & Architecture n. 6 (34), pp.65

<sup>37</sup> [Uma casa tem a função correspondente à de um violão ou a

*Pour retrouver une cohérence de conception des tissus spontanés, l'aménagement ne doit pas être nécessairement le produit d'un seul plan d'urbanisme (plan de masse ou schéma directeur) mais plutôt se conformer à un certain nombre de règles d'occupation d'espaces qui constitueraient en quelque sorte la grammaire des interventions collectives. L'architecte ou l'urbaniste n'apparaît plus alors que comme l'un des techniciens capable d'aider les groupes sociaux à élaborer ce code à l'aide duquel les individus et les groupes sociaux pourraient créer librement leur dynamique spatiale* Anne Hublin<sup>36</sup>



de um piano, os quais não são, em si mesmos, uma forma de música, mas instrumentos que se manipulam para produzi-la. Do mesmo modo, no caso da habitação, os potenciais harmoniosos do *design* devem ser manipulados pelos que moram na casa; o que tem importância é a personalidade do habitante, não o habitat] Rev. Techniques & Architecture n. 4-5 (34), 1974, pp.126

*Une maison a une fonction correspondant à celle d'un violon ou d'un piano, qui en eux-mêmes ne sont pas une forme de musique, mais des instruments qu'on manipule pour en faire. De même pour une maison les potentiels harmonieux de design doivent être manipulés par ceux qui habitent la maison; ce qui a de l'importance est la personnalité de l'habitant, non pas l'habitat* Buckminster Fuller<sup>37</sup>



Nos anos 60, quando o esforço de reconstrução pós-Segunda Guerra já podia permitir-se ser mais brando, experiências priorizando critérios qualitativos começam a ganhar espaço e financiamentos, propondo-se a atender as necessidades de uma população cujo perfil e comportamento sofrerá alterações profundas a partir,



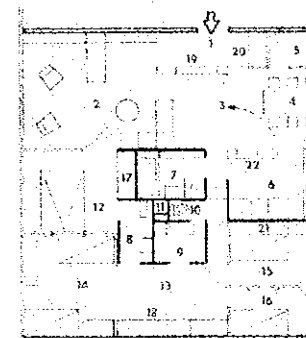
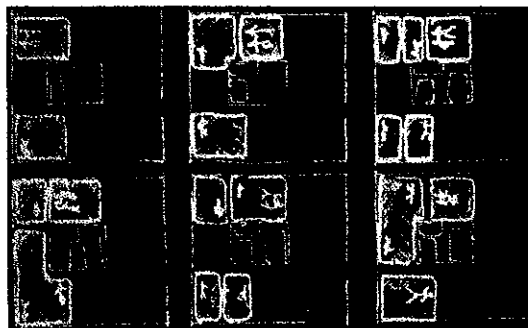
40

---

justamente, desta década. Os modelos de habitação social estabelecidos nas décadas precedentes serão sistematicamente questionados frente, sobretudo, às novas condições sócio-culturais e às novas questões tecnológicas mas, também, considerando as novas modalidades de transmissão de informações.

<sup>38</sup> Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui n.  
89, 1960

No campo das pesquisas, o Sindicato dos Arquitetos *de la Seine* apresenta, em 1960, uma proposta de habitação evolutiva com o duplo objetivo de assegurar, dentro do lar, a independência de cada um, ao mesmo tempo que meios fáceis de vida em comum, mas também de permitir que a habitação responda, por sua flexibilidade, aos modos de vida mais variados e à evolução de uma família dentro do tempo<sup>38</sup>. Para tanto, a habitação se utilizava dos seguintes dispositivos: independência de circulação, dupla orientação de seus volumes e separação máxima entre zonas diurna e noturna e zonas dos filhos e dos pais; pulverização do espaço de estar em várias zonas; pulverização das funções do sanitário em tantos pontos de água quanto for o número de pessoas;

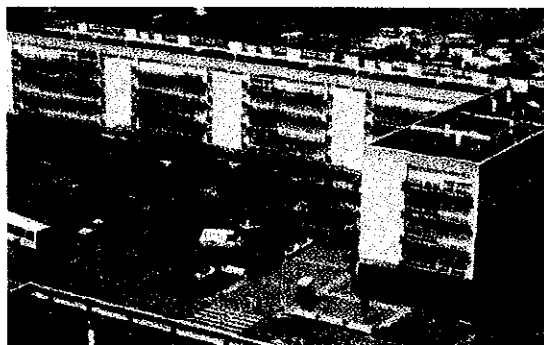


41

dispositivos de vedação por elementos desmontáveis, permitindo ao morador modificar facilmente a repartição e a dimensão dos quartos e da área de estar; criação de um espaço reservado aos jogos e aos trabalhos em comum das crianças e da arrumação; criação de um espaço independente e bem iluminado servindo aos trabalhos de manutenção, limpeza, consertos; disposição de numerosos volumes divididos pelas diferentes categorias de objetos e utensílios, e armários de secar ventilados, próximos à máquina de lavar. Sua superfície útil de 82 m<sup>2</sup> correspondia à superfície máxima dos HLM para uma habitação de cinco cômodos.

O 22º Congresso de HLM, em 1961<sup>39</sup>, ressalta a importância de uma política de qualidade da habitação acompanhada de uma melhor adaptação do esforço de construção às necessidades diversificadas e às realidades sociais, em particular, à demanda de diferenciação em função das necessidades dos usuários: famílias numerosas, idosos, jovens trabalhadores e pessoas sós, por exemplo.

Por outro lado, no campo das realizações, segundo Guy Houist<sup>40</sup>, vice-presidente da *Union des Fédérations d'Organismes d'H.L.M.*<sup>41</sup>, um terço das habitações construídas se situariam ainda nos grandes conjuntos entorno de Paris e das grandes cidades,



42

equipados em relação a alguns pontos de vista: escolar, cultural e religioso, social e sanitário, comercial, vegetação, equipamentos administrativos, meios de transporte comunitários. Pela noção de Z.U.P. (*Zones à urbaniser en priorité*<sup>42</sup>), a habitação era associada à necessidade da proximidade de outros serviços urbanos. O conjunto de habitação coletiva abrigava creche, garagem para motos, bicicletas e carros, lavanderia e secagem coletiva por cooperativa, comercial ou por iniciativa de uma associação, salão de festas comunitário, *ateliers* para consertos, oficinas, sala para assistente social, cabine telefônica e correio, antena comum de televisão, áreas esportivas, bancos, jardins.

<sup>39</sup> Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 96, 1961

<sup>40</sup> HOUIST, G. - Les Facilités Collectives Résidentielles *in*: Rev. Techniques & Architecture n.1 (21), 1960-61

<sup>41</sup> União das Federações de Organizações de HLM

<sup>42</sup> Zonas Prioritárias a Urbanizar

<sup>43</sup> Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui n.  
183-184, 1975

Apesar destas resoluções, a pesquisadora Michèle Champenois<sup>43</sup> nota que, trinta anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, uma parcela razoável dos franceses ainda era mal alojada e necessitava de conforto ou de lugar. Segundo ela, os próprios HLM não se abriam a todos que necessitavam, e a habitação antiga, muito antiga e sem conforto, era a verdadeira habitação social. Muitas famílias viviam em HLM, mesmo que, teoricamente, não tivessem mais este direito: seus ganhos aumentaram após sua



43

<sup>44</sup> PROST, Antoine, *op. cit.*, pp. 69-72

instalação, enquanto os aluguéis permaneceram os mesmos. Ainda assim, alguns resultados são impressionantes. Em 1973, menos de vinte anos após o péssimo balanço do recenseamento de 1954, as casas francesas tem, em média 3,5 cômodos, com área média de 20,1m<sup>2</sup> cada, e que cada pessoa dispõe, em média, de 24,6m<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, 97% das casas têm água encanada, 70% têm banheiros internos, 65% têm uma banheira ou chuveiro e 49% têm aquecimento central.<sup>44</sup> Ao povo é dado o direito de ter sua própria vida privada familiar e, dentro dela, a sua vida individual.

Neste período, o perfil da sociedade transforma-se radicalmente. O casamento deixa de ser uma instituição para tornar-se uma mera formalidade. Em 1977, entre cem casais que se casam, 44 já moravam juntos. O feminismo e o controle da natalidade mudam profundamente os objetivos da união conjugal. O número de famílias monoparentais é cada vez maior, assim como as pessoas vivendo sós.<sup>45</sup> A relação com a família se

<sup>45</sup> PROST, Antoine, *op. cit.*, pp 87-94



44



inverteu. Antes incorporado à família, com sua vida privada pessoal subordinada à familiar, cada indivíduo tem, nesse momento, sua vida privada independentemente da familiar, a qual nada mais é do que a reunião de individualidades que a compõem em períodos determinados.

Como exemplo maior da manifestação da vida privada individual aparece o moderno culto ao corpo, que inclui a higiene associada ao relaxamento, a ginástica diária e a alimentação balanceada.



não consigo saber  
se quem eu não sei  
seu filho.

mas dizem que a norma de vontade de  
ter um e aí depois de tomar a pílula

no dia seguinte, invento com Ronald e  
rejo que - um dia a coisa é impossível!

então durante três semanas fico  
momento de medo de estar grávida.  
sonhava alucinada, sentia garbete,  
cruqueiros

ai é aí começo a tomar a pílula e  
pronto, falta de novo a vontade

ai digo para mim mesma: ter uma  
criança hoje... do jeito que não ai  
mas... e depois a complicação que  
vai ser para sair à noite... e se  
encontro outro cara...

mas, aí penso como é triste envelhecer  
sem filhos... e como é importante ter  
essa experiência...

e depois agora se atropelarem minha  
carreira... mas lá dez anos eu  
também pensava assim...

além do mais, quando se tem um é  
preciso ter outro para que o primeiro  
não fique muito solitário, e depois  
um terceiro, por causa da competição  
entre os dois primeiros.

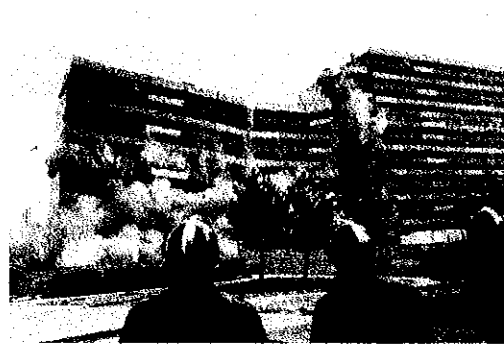
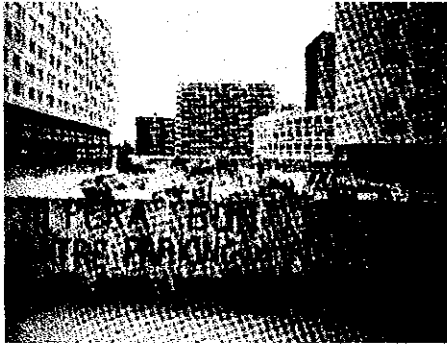
chega, lá me decidi, vou parar com a  
pílula

e aí daí começo a tomar a pílula

o ideal seria engravidar sem querer

BRUCE LEE

O habitat coletivo, sobretudo social, após alimentar a era da produção de massa e admitido como uma medíocre fatalidade por causa da superdeterminação técnico-econômica e regulamentar, recupera-se, nos anos 70. Sua renovação arquitetural expressa-se tanto em concursos de idéias como em realizações, sendo que duas questões permanecem, por muito tempo, recorrentes: a abertura da célula às evoluções e a articulação entre individualidade e coletividade. A habitação da



46

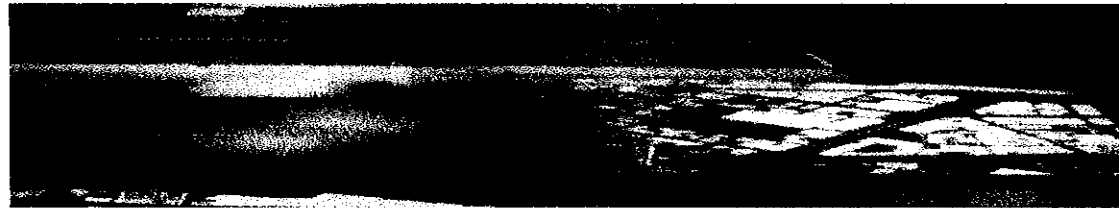
---

arquitetura moderna, concebida segundo uma equivalência entre espaço e tempo segundo uma hierarquia de funções bem distintas - o dia e a noite, o coletivo e o privado, os pais e os filhos - é revista. Paralelamente, os grandes conjuntos, construídos há algumas décadas, concentram em guetos uma população marginalizada. A partir de 1973, a questão da reabilitação pesada ou da demolição serão colocadas de maneira clara e a construção de tais conjuntos será definitivamente abandonada.

<sup>46</sup> Citado por ELEB-VIDAL, M. *et alli* - *Penser l'Habité: le logement en questions*, ed. Pierre Mardaga, Liège, 1988

A década de 70 é um período fértil para novas pesquisas. Muitas delas, em maior ou menor grau, descenderam das idéias do grupo inglês *Archigram* como as *plug-in cities*, *walking-cities* ou as propostas *Control and Choice* e *Living 1990*, segundo as quais a formalização do entorno não deve mais ser confiada aos arquitetos. Os próprios usuários podem acionar dispositivos de controle escolhendo as condições desejadas a cada momento. O edifício será reduzido à sua estrutura, ou ainda menos. <sup>46</sup> *A House 1990* foi a primeira intenção de um protótipo de habitação conversível, efêmera, mostrando a maneira como a tecnologia dos computadores, os sistemas eletrônicos totalmente integrados, os meios de comunicação de massa e o tempo de ócio poderiam determinar a forma da habitação no futuro.

Um grupo de arquitetos, produto da contestação da Escola de Belas Artes, rompe com sua mecânica institucional e insere as pesquisas arquitetônicas e urbanísticas na agenda do Ministério da Habitação. O *Plan Construction* é lançado em 1972 por Robert



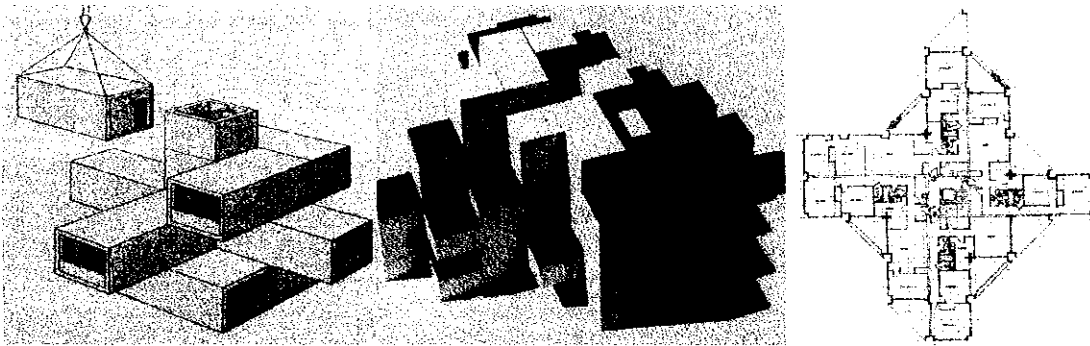
47

Lion em colaboração com Jacques Delors. Um novo organismo, destinado a financiar canteiros experimentais que precederam a normalização homologada pelo CSTB. A segunda função do *Plan Construction* seria a de instituir os concursos PAN, *Programme d'Architecture Nouvelle*, palco por excelência da demonstração das novas idéias, que permitiram um certo número de pequenas operações experimentais, formalistas e não mais construtivas, realizadas por jovens arquitetos como Christian De Portzamparc e Dominique Perrault. De todas estas operações emerge uma preocupação recorrente: a flexibilidade, que supõe uma capacidade de adaptação da geometria e da distribuição interior às demandas personalizadas e em constante mutação.



Dentre as pesquisas realizadas na França, na década de 70, estão as do *Centre de Recherche d'Architectures Modulaires*, CRAM<sup>47</sup>, que partem da consideração de alguns pontos-chave para a arquitetura do momento: a importância fundamental que representa a intervenção dos usuários sobre a organização de seus espaços e de seu modo de vida; a ineficácia e a inadaptação do criador isolado face aos problemas colocados pela sociedade do número; os fracassos constatados, tanto ao nível do

<sup>47</sup> Centro de Pesquisa de Arquiteturas Modulares



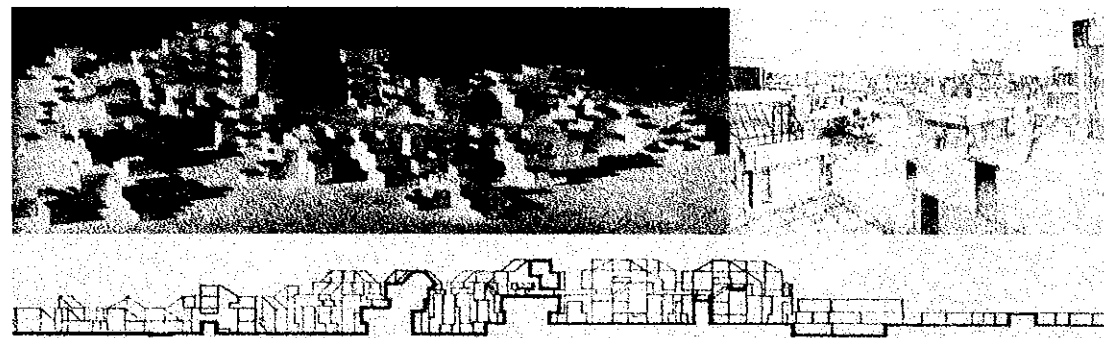
48

---

objeto quanto ao da cidade e das repercussões psicofisiológicas sobre os usuários; as transformações irreversíveis provocadas por meio século de industrialização e da necessidade urgente do início de uma tradição industrial. O CRAM considerava que a pesquisa de novos processos por analogia a certos mecanismos naturais como a semiologia e a linguagem semântica deveriam permitir ao homem intervir diretamente sobre sua própria organização espacial, pela compreensão dos órgãos constituintes desta. Estes processos conduziram a novas formas de criação coletiva livre levando a uma total reconsideração dos modos de construção e seu entorno.

<sup>48</sup> Rev. Techniques & Architecture  
n.6(34), 1973

As realizações do CRAM baseavam-se em uma abordagem tecnológica e estrutural direcionada à descoberta de ferramentas rigorosamente otimizadas, permitindo livremente a elaboração de combinações estruturais ou modulares, grelhas espaciais articuladas, de escalas variadas e variáveis, acolhendo e misturando as funções, levando a uma imensa variedade de possibilidades espaciais em um conjunto orgânico.<sup>48</sup> Assim, tanto quanto para os metabolistas japoneses - descendentes diretos das pesquisas do *Archigram* - a referência é o organismo vivo: as células permitiriam o crescimento e a evolução do organismo urbano.



49

<sup>49</sup> um habitat contínuo

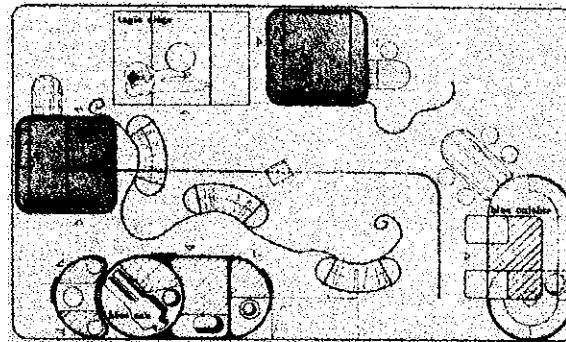
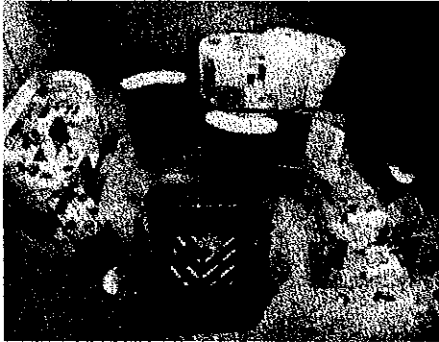
<sup>50</sup> Ver SPERLING, D.M.; INO, A;  
TRAMONTANO, M- Jean Nouvel  
Projetos e Obras 1972 a 1994.  
Relatório parcial de iniciação científica  
CNPq-Pibic. São Carlos, EESC-USP,  
1996

Influenciado, em certa medida, por esta postura, o arquiteto Jean Nouvel baseia seu projeto *un habitat continué*<sup>50</sup>, apresentado no concurso para a ZAC La Rousse, de 1972, em elementos modulares constituindo um sistema construtivo e urbanístico passível de ser realizado sob qualquer condição de terreno e de clima.<sup>50</sup>

Apesar da política exclusivamente voltada para a habitação coletiva, os arquitetos interessam-se pelo tema da habitação individual. Esta divisão era encorajada pela indústria petrolífera, em franca expansão, e que só permitiria a construção de pequenos sistemas em plástico, contra a indústria carboquímica do cimento, que incentivava a realização de grandes conjuntos.<sup>51</sup>

<sup>51</sup> Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 303, pp. 75-95

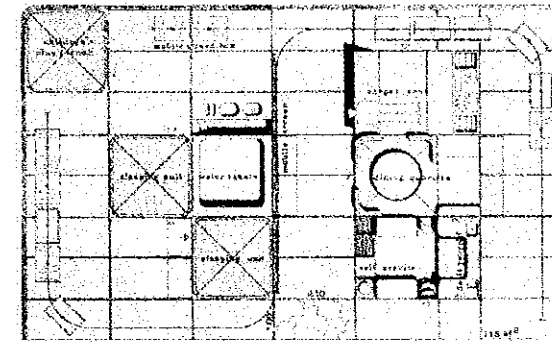
São deste período as pesquisas através das quais Olivier Mourgue concebeu o sistema "Visiona 3" e seus derivados, baseado na possibilidade de extensão e de modificação do espaço habitável. Como um espaço coletivo, a habitação deveria ser sensível às



50

modificações do círculo familiar. Sobre uma superfície livre com qualquer extensão, as necessidades de uma família são satisfeitas: dormir, conversar, brincar, relaxar, informar-se, hospedar, alimentar-se, realizar higiene pessoal. Estudado a partir do plano de uma habitação HLM do tipo sala-3 quartos (80m<sup>2</sup>), o programa se desenvolve em unidades que correspondem a cada uma das necessidades e que se justapõem livremente segundo o desejo do morador ou de acordo com uma solução estritamente funcional.

O bloco Cozinha compreende uma parte fechada contendo estocagem, aparelhos para preparação de refeições, uma mesa podendo descrever um semi-círculo sobre um raio centrado no bloco, e dois *containers*-mesa móveis oferecendo a possibilidade de tomar as refeições em qualquer parte da habitação. As instalações audio-visuais fazem parte do equipamento, interligando a alimentação, relaxamento, entretenimento e informação. O bloco hidráulico possui banheira, permitindo um banho coletivo e relaxamento,



lavabos e vasos sanitários, com eventual uso simultâneo. O repouso suprime os sofás e cadeiras e os substitui por uma superfície flexível, móvel e rente ao chão: tapetes-sofás. As unidades de sono são *igloos* totalmente móveis, sobre rodas. Pequenas mesas são fixadas externamente. As divisórias-estocagem são móveis, podem variar em comprimento e desenho, e abrigam os livros, as roupas e todos os utensílios. Realizado pela Bayer, o sistema tem como matérias-primas básicas o PVC e tecidos.

Seguindo a tendência de mobilidade da habitação, estão os protótipos *Tetrodon* desenvolvidos pelo *Atelier D'Urbanisme et d'Architecture* (A.U.A.), formado por arquitetos marxistas e dissidentes de esquerda, entre eles Chemetov, Ciriani e Huidobro, que trabalhavam, em nome de sua ideologia, na definição de uma estética realista da habitação industrializada para a grande maioria<sup>52</sup>. Apresentados na exposição *Design Français*, os protótipos foram concebidos como *containers*

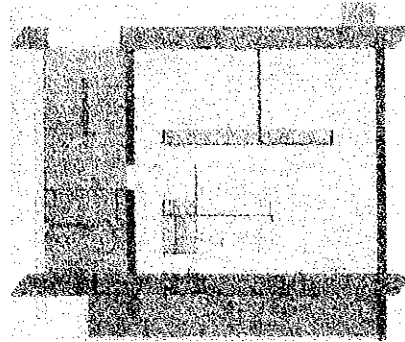
<sup>52</sup> Idem, *ibidem*



52

normalizados que definem espaços livres com a determinação apenas dos serviços hidráulicos, tendo vocação para a constituição de conjuntos transportáveis e moduláveis. As ossaturas são realizadas em aço e as cabines de serviço em poliéster, fibra de vidro e poliuretano. Os *containers* podem ser empilhados e justapositionados, aumentando o leque de configurações.

Nos anos 70, são comuns as idéias da habitação como *loft*, lugar de “todos os possíveis”, espaço multivalente com grande versatilidade de uso, em que os objetos móveis tem o mesmo papel que os painéis conversíveis ou as portas corredeiras. Chegou-se até à possibilidade - furor entre os jovens arquitetos pós-68, ávidos por novas experiências participativas - de um “espaço em branco”, um caso extremo em que não se propunha nenhuma partição para que os moradores/usuários pudessem criar livremente os interiores de suas habitações. A experiência demonstrou que este conceito era um fracasso: diante do espaço vazio, os futuros moradores, sem outra



---

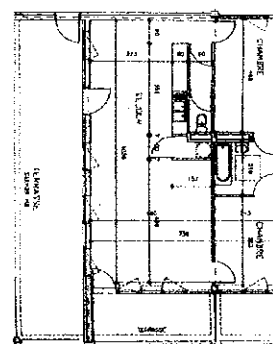
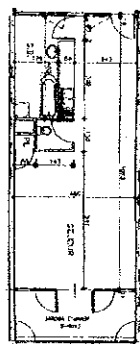
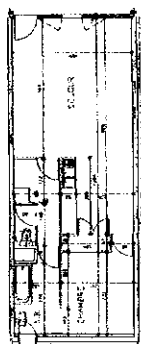
<sup>53</sup> ELEB-VIDAL, M. et alli, *op. cit.*, pp. 102-115

referência além da habitação convencional em que sempre viveram, passavam imediata e sistematicamente a compartimentá-lo, tendo a verossimilhança com o modelo como único critério. Por outro lado, uma flexibilidade mais realista, desenvolvida ao redor de alguns elementos fixos - sanitários, cozinha e instalações. paredes-armários, reagrupamento dos serviços - não seria, no entender de Monique Eleb-Vidal<sup>53</sup>, nenhuma grande revolução, mas permitiria ganhar superfície na habitação social e demonstrar que trabalhar com habitação implica repensar, sem grandiloquências, a articulação entre usos, técnicas e distribuição.

Depois das decepções e das duras críticas geradas pelos “anos flexíveis”, em que qualquer discurso sobre a habitação parecia remeter-se à questão da flexibilidade, poderia ter-se pensado que a flexibilidade deveria deixar de ser um tema da atualidade. “A teoria da flexibilidade”, lembra Eleb-Vidal, “com o habitante como *bricoleur* dedicado a transformar constantemente o interior da sua habitação segundo seus gostos e necessidades, parecia aparentemente um frágil conceito”.<sup>54</sup> Apesar disso, as idéias de flexibilidade conservaram o vigor, reforçando as palavras de Alan Colquhoun sobre as exigências da vida moderna, que lhe parecem “tão complexas e mutantes, que todas as intenções de antecipá-las por parte do arquiteto conduzem a

<sup>54</sup> *Idem, ibidem*

54



edifícios inadequados para sua função”<sup>55</sup>.

<sup>55</sup> Citado por ELEB-VIDAL, M. *et alli*, *op. cit.*, p. 102

Assim, com o avanço das técnicas estruturais e de instalações, a habitação pode, agora, ser definida como um espaço absolutamente aberto, um plano horizontal formado por um piso de dutos que permitem a passagem de redes, e paredes concebidas como espaços técnicos, onde podem concentrar-se os serviços e os equipamentos. A construção e os serviços formam o quadro “imóvel” da habitação, enquanto as divisórias deslizam no âmbito do móvel, do que é temporal: de um lado, as paredes técnicas de duração fixa, e, de outro, as divisões leves de duração limitada.

<sup>56</sup> Citado por GROSBOIS, Louis-Pierre  
*et alli* - Habiter: Le Geste et  
l'Espace in: Rev. Techniques &  
Architecture n.375, 1987, pp.86

No que concerne a demografia, constata-se que a população envelhece. Um estudo intitulado "O francês do ano 2000", publicado em 1986 <sup>56</sup>, estimava que, em 1995, os franceses com mais de 65 anos seriam mais de 11,3 milhões de pessoas, e, destas, mais de 1 milhão teriam acima de 80 anos. Em 1968, o número de idosos não passava de 6,5 milhões. As mulheres cada vez mais trabalham fora de casa. Em 1986, mais de 72% das mulheres de 25 a 49 anos trabalhavam. As pessoas solteiras são cada vez mais numerosas, há menos casamentos e mais divórcios, e, nos vinte anos entre 1962 e 1982, o número de pessoas sós - jovens ou velhas - quase dobrou. Por outro lado, paralelamente, os solteiros cohabitam, os jovens habitam mais tempo com seus pais. A



virada situa-se no início dos anos 70, quando a proporção de casais sem filhos aumenta consideravelmente e as famílias numerosas desaparecem, dando lugar às famílias com, no máximo, dois filhos. A coabitação sem a legalização do casamento entra nos costumes e registra-se neste período um terço dos casamentos de 10 anos atrás. Cresce o número de famílias monoparentais, em que a criança vive apenas com um dos pais, ou com os dois, alternadamente. A família simétrica - dois adultos de sexo oposto e duas ou três crianças -, como base dos modelos culturais em arquitetura, tende a ser mais exceção do que regra.



A tecnologia e os novos equipamentos do mundo contemporâneo desenvolvem práticas cotidianas mais ou menos ligadas à utilização de máquinas: robôs, fornos de micro-ondas automáticos, lava-louças e lava-roupas inteligentes, *freezers*, segurança eletrônica, computadores, tele-*shopping*, televisão, cabos diversos, fibra ótica... Para o filósofo Paul Virilio, “aproximar-se, no tempo da comunicação, é, portanto, inversamente distanciar-se espacialmente.”<sup>57</sup>

<sup>57</sup> Citado por JULIENNE, L., MANDOM, J.M., *op. cit.*, pp. 42

Tanto as transformações sociológicas quanto as mudanças tecnológicas e econômicas

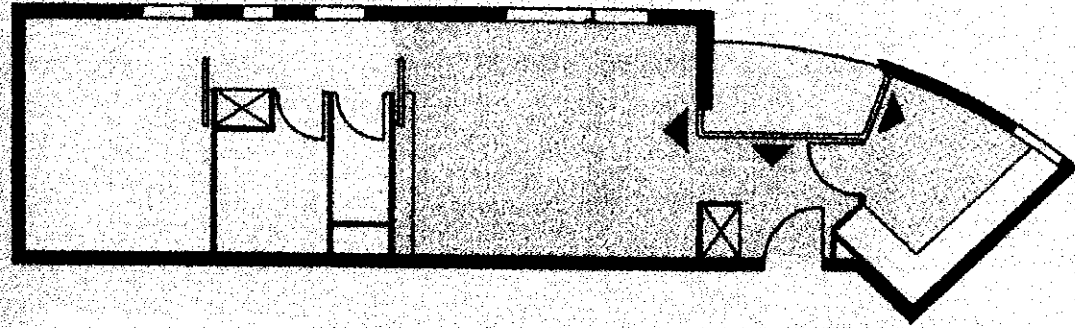


56

---

representam dois vetores - as pessoas e os objetos - que modificam a paisagem da habitação. A paisagem doméstica deveria ser, então, alvo de reflexão: a organização, a gestão e o controle da habitação; a manutenção; o lazer e o entretenimento; as circulações, as aberturas, a luz natural e artificial; a cozinha, a estocagem, os equipamentos; a convivência e a intimidade; o sanitário e a higiene. O habitat remete a imagens de estabilidade, de fixação, de enraizamento... a moradia, o imóvel, o patrimônio, a propriedade, a história. O habitar remete a imagens de movimento, de metamorfose, de variabilidade das aparências, de circulação de fluidos, de redes, de deslocamentos.

A alteração do *status* da mulher é um fator que vai reorganizar a divisão do trabalho doméstico, modificando as relações de dependência entre homem/mulher e pais/filhos. A mudança de status da mulher implicou a total revisão do desenho da habitação no entre-guerras pelos arquitetos modernos, como sabemos. Tal revisão expressa-se, no entanto, muito mais em novas relações com o trabalho doméstico e com os espaços a ele destinados do que em novas relações com o próprio corpo - uma tendência que



57

aparece mais notadamente na habitação individual e nas imagens veiculadas pela mídia. As novas relações com o corpo tornam a sala de banhos um lugar mais importante, onde o prazer substitui gradativamente o funcionalismo da higiene. As salas de banhos, antigamente exíguas, ocultas, que correspondiam às práticas de pudor, de separação sexual, dão lugar a cômodos maiores, iluminados, melhor equipados, onde várias pessoas podem relaxar.

Roger Perrinjacquet, um dos autores da pesquisa realizada na *École Polytechnique Fédérale de Lausanne* sobre mutações sociais e técnicas e sua incidência sobre a habitação<sup>58</sup>, prevê uma mudança global de configuração da organização da habitação e da distribuição de seus cômodos, com a possibilidade de se conceber a moradia de maneira inversa à habitual do estar em relação com as outras partes. Se sala de banhos e cozinha se ampliam, tornando-se os maiores espaços de estar e convívio, e se, além disso, recuperam a luz natural, se o estar não acolhe somente a televisão mas também outros equipamentos de informática, os primeiros deverão se aproximar da fachada, dada a importância da luz natural, enquanto o segundo poderá se afastar dela, em busca de uma luminosidade controlada.

<sup>58</sup> Entrevista, Revista Techniques & Architecture n. 375, 1987, pp. 94-96



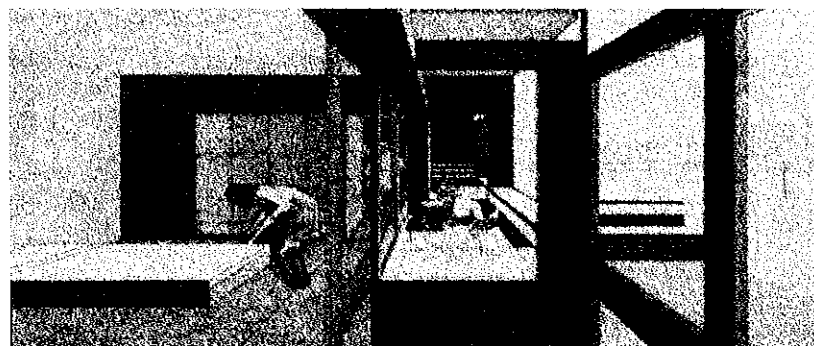
58

---

Outras tendências possíveis, segundo ele, seriam o surgimento de um espaço audiovisual: uma sorte de sala de máquinas instalada no centro da habitação que coordena todos os terminais e robôs domésticos, com um dispositivo arquitetônico de isolamento mais ou menos controlado, e o multi-equipamento: equipamentos dispersos, miniaturizados, acessíveis de todas as partes da moradia, um terminal na cozinha para o tele-*shopping*, outro para o teletrabalho. Em suma, um deslocamento do conceito de equipamento que se desenvolve, modificando a partição entre imóvel e mobiliário.

A atual política de habitação do *Plan Construction*, impulsionada pelos quatorze anos de gestão socialista, quando abundaram concursos para a realização de projetos na área, é a de pequenas operações e procedimentos variados, utilizados em uma única operação experimental. Uma pesquisa conduzida por Yves Lion e François Leclercq para o *Plan Construction* propõe uma reformulação radical da habitação. O trabalho propõe o abandono do princípio tradicional de distribuição técnica no centro do edifício, para substituí-lo por uma faixa na fachada, dentro de uma espessura denominada “faixa ativa” onde se implantariam todos os equipamentos. Esta banda seria

<sup>59</sup> Trabalhos de infra-estrutura e estrutura



59

<sup>60</sup> Trabalhos de montagem e instalações leves

<sup>61</sup> LYON, Yves - *Domus Demain, La Bande Active*, in: *Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui* n. 252, pp. 20. Ver análise da proposta em TRAMONTANO, M. - *Novos modos de vida, novos espaços de morar*. São Carlos, EESC-USP, 1996. pp. 19-21

considerada como “servente” (luz e redes de cabos e canalizações) de uma “zona passiva”, mais inerte e neutra. Esta divisão corresponderia a uma divisão do canteiro entre um *gros-oeuvre*<sup>59</sup>, pesado e pouco preciso, e um *second-oeuvre*<sup>60</sup> leve, industrial e de uma precisão mecânica, procurando conferir ao trabalho um caráter pragmático, levando a uma reorganização da habitação sob uma lógica construtiva, técnica e funcional. Propondo um lugar para o permanente e outro para o efêmero, o trabalho tenta responder à questão da temporalidade ligada ao habitar, colocada por filósofos e sociólogos, segundo a qual o material primeiro da arquitetura não pode ser mais o espaço, mas o tempo.<sup>61</sup>

As reflexões atuais desenvolvem-se sobre a célula da habitação, fugindo à tipologia convencional dos HBM e dos HLM, como a comandada por Yves Lion, ou tentando



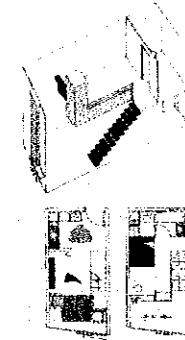
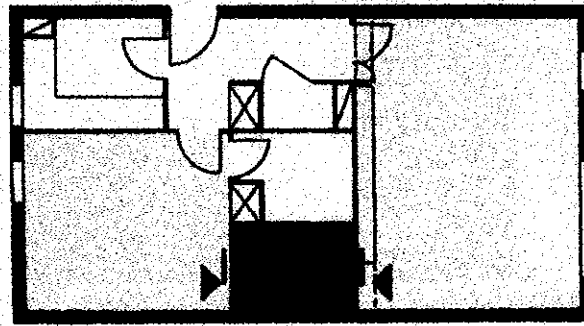
60

---

articular o pensamento construtivo, o trabalho sobre o interior da habitação e a estética do edifício, como realizou Jean Nouvel em três obras de habitação social: Hermet Biron, Némausus 1, Résidence Christophe Colomb<sup>62</sup>.

<sup>62</sup> Objetos de estudo da pesquisa de iniciação científica: SPERLING, D.M.; INO, A; TRAMONTANO, M- Habitação Social na obra de Jean Nouvel: seus contextos, suas propostas, suas consequências, Relatório final de Iniciação Científica CNPq-Pibic. São Carlos, EESC/USP, 1996.

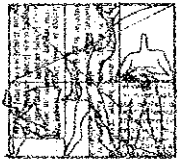
É neste contexto que situa-se a produção das 1500 habitações patrocinadas pelo correio francês (*La Poste*), uma das principais realizações habitacionais destes últimos anos, iniciada em 1993. A instituição, uma das mais ricas da França, dispoñdo de vários terrenos e edifícios na cidade de Paris, decidiu confiar a diversas equipes de jovens arquitetos um programa de reabilitação e construção de habitações destinadas aos seus funcionários. A intenção de se pesquisar e repensar o espaço da habitação foi claramente explicitada no programa. Apesar das enormes diferenças formais e de escala de cada intervenção, alguns pontos fundamentais parecem ser comuns a várias



61

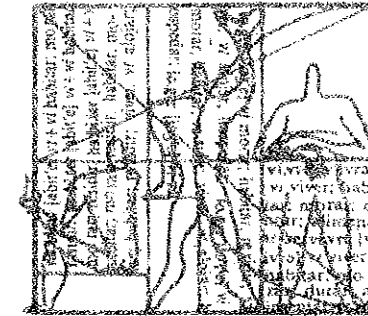
---

delas: a possibilidade de absorção de uma evolução familiar provável, através de, por exemplo, um espaço capaz de assegurar várias funções - escritório, dormitório, etc.-, de paredes móveis, e dois pavimentos; a importância das janelas, seu tamanho, forma e posição, como dispositivo de iluminação, ventilação, abertura da habitação para a rua e ampliação do espaço interno, dentre outras preocupações. A importância desta intervenção se verifica tanto pelo fato da participação de um número representativo de jovens arquitetos no programa - muitos deles premiados em um ou mais concursos PAN - quanto pela busca de novos desenhos para o espaço de morar e por sua quantidade - 1500 habitações de uma só vez.



---

# Conclusões Preliminares







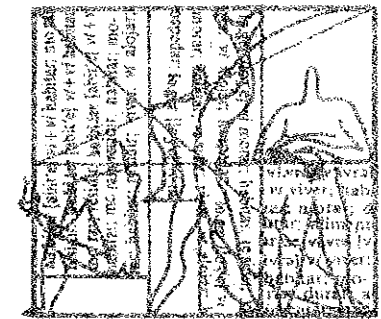
Um breve panorama sobre a habitação social francesa permite entrever, não apenas boa parte das principais pesquisas e realizações habitacionais deste século, mas, igualmente, os principais movimentos de arquitetura e urbanismo e as questões levantadas por eles. A habitação, desde o primeiro abrigo do homem, sempre foi objeto de interesse dos mais variados campos de conhecimento, da filosofia, passando pela arquitetura, chegando à tecnologia, deixando-nos supor que seria possível construir uma historiografia do homem a partir de seu espaço de habitar. Por outro lado, a determinação dos espaços de morar pelos profissionais que se dispõem a enfrentar este problema, parece sempre estar fadada a acompanhar, com atraso - dado o caráter predominantemente estático do habitat - as mudanças da sociedade e das formas de habitar, cujo caráter é, certamente, mais dinâmico. A dificuldade em se determinar as necessidades e funções do homem a cada momento de sua vida e a cada momento da História sugere a impossibilidade de se fixar um modelo de habitação - como aquele proposto pelos Modernos - apesar de entendermos que, sem o conceito de habitação-tipo *standartizada*, o enorme déficit habitacional do segundo pós-guerra teria sido solucionado, com certeza, de maneira incomparavelmente mais difícil e longa.

---

A pesquisa habitacional de vanguarda parece caminhar, não para a proposição de novos modelos, mas para a solução de questões comuns ou diversas entre os vários grupos sociais emergentes, associadas às questões colocadas pelos novos meios tecnológicos da sociedade contemporânea. A arquitetura se apresenta, cada vez mais, como uma atividade multidisciplinar e coletiva, e a habitação, como um de seus principais objetos de estudo, talvez caminhe para um espaço mais e mais incerto, dinâmico, sujeito às mais variadas mudanças. À arquitetura cabe acompanhar, prever ou propor estas novas transformações?



# Sobre a Pesquisa



## Objetivos

Contextualizar a pesquisa anterior realizada sobre a “Habitação Social na obra de Jean Nouvel: seus contextos, suas propostas e suas conseqüências” em uma esfera mais ampla de discussão sobre a habitação e a evolução de seu desenho, considerando a necessidade de adequar-se aos modos de vida emergentes;

Traçar um panorama histórico do debate sobre o conceito de habitação colocado na França desde o primeiro pós-guerra pelo Movimento Moderno até os dias atuais fazendo um paralelo com as grandes mudanças sócio-culturais e econômicas do período e suas mais visíveis implicações na conformação do espaço de morar;

Produzir uma leitura das obras habitacionais contemporâneas realizadas pelo PAN (*Programme d'Architecture Nouvelle*) e pelo Correio Francês (*La Poste*), selecionado como conjunto representativo das questões colocadas na atualidade.

68

---

## Metodologia

### Primeiro Momento

Levantamento bibliográfico 1: A pesquisa se iniciou com o levantamento e coleta de material em números das duas mais antigas e reconhecidamente mais importantes revistas francesas de arquitetura - L'Architecture D'Aujourd'Hui e Techniques & Architecture -, publicados entre 1930 e 1994, nas bibliotecas da EESC-USP e do CAD-FAUPOCCAMP.

Panorama histórico: O levantamento bibliográfico serviu de subsídio para a elaboração de um breve panorama da evolução do desenho da habitação social na França, situado a grosso modo entre as décadas de 1910 e 1990, através da seleção de projetos que procuraram repensar a questão: as realizações inovadoras H.B.M. do entre-guerras, os H.L.M. do segundo pós-guerra que receberam complementação de financiamento do PLAN-Construction (órgão financiador de pesquisa em habitação), as experiências dos anos 60 no campo da flexibilidade (*habitat évolutif*), até as propostas e realizações dos anos 70 a 90.

Conclusões preliminares: A partir da elaboração deste breve panorama, foram esboçadas conclusões preliminares sobre as principais tipologias do período.

### **Segundo Momento** (a partir de fevereiro de 1997)

Levantamento bibliográfico 2: Será realizado um levantamento bibliográfico relativo às obras produzidas através do PAN e do programa La Poste em números das revistas francesas L'Architecture D'Aujourd'Hui, Techniques & Architecture e Le Moniteur Architecture, de 1980 a 1996, disponíveis na Biblioteca Central da EESC/USP e nos

69

---

arquivos do GHab - Grupo de Pesquisa em Habitação - EESC/USP.

Propostas contemporâneas: Numa etapa posterior, serão selecionados para análise detalhada projetos relevantes do PAN e do programa *La Poste*, segundo tópicos tais como seus conceitos mais determinantes, seu desenho, o contexto sócio-cultural e econômico em que estão inseridos, os principais materiais e equipamentos utilizados.

Conclusões finais: A pesquisa será finalizada com uma reflexão sobre os mecanismos de redesenho da habitação social na atualidade, e as lições que podemos extrair da experiência francesa. O registro de tal processo comporá o Relatório Final.

## Etapas

Levantamento bibliográfico e iconográfico sobre a habitação social francesa a partir do período entre-guerras até os anos 70;

Seleção de obras e construção de um breve panorama da habitação social na França a partir do período entre-guerras até os anos 70;

70

Conclusões preliminares/ Relatório Parcial;

---

Levantamento bibliográfico e iconográfico sobre as as propostas e realizações do PAN e do Programa La Poste;

Seleção e análise de projetos de habitação extraídos do PAN e do programa La Poste;

Conclusões/ Relatório Final

# Cronograma

Mês Ago 96.Set.Out.Nov.Dez.Jan 97.Fev.Mar.Abr.Mai.Jun.Jul 97

Levantamento  
Bibliográfico 1



Panorama Histórico



Conclusões  
Preliminares  
Relatório Parcial



71

---

Levantamento  
Bibliográfico 2



Propostas  
contemporâneas



Conclusões  
Relatório Final





## Iconografia

- BOESIGER, W. - Le Corbusier, Estúdio Paperback, Gustavo Gilli, 1985
- ELEB-VIDAL, M., CHATELET, A-M, MANDOUL, Th. - Penser l'habité: le logement en questions, Pierre Mardaga Editeur. Liège, 1988.
- JOEDICKE, J. - Candilis, Josic, Woods, Uma década de Arquitetura e Urbanismo, Gustavo Gilli, Barcelona, 1968.
- GUERRAND, Roger-Henry - Espaços Privados, *in*: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Companhia das Letras, São Paulo, 1987, vol.4
- PERROT, Michelle - A família triunfante, *in*: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, Companhia das Letras, São Paulo, 1987, vol.4.
- PERROT, Michelle - Maneiras de Morar, *in*: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, São Paulo, 1987, vol.4.
- Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui 16-17, 89, 172, 174, 196, 252, 303.
- Revista L'Homme & L'Architecture edição especial Marcel Lods
- Revista Techniques & Architecture 5-6 (7), 2 (19), 4 (32), 2(34), 4-5 (34), 6 (34), 291, 375, 397, 410.

72

---

## Bibliografia

- BOESIGER, W. - Le Corbusier, Estúdio Paperback, Gustavo Gilli, 1985
- CHEMETOV, P., GAILHOUSTET, R., LION, Y., NOUVEL, J. - Debate: Loger? Ou bien réinventer le monde?, *in*: Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui, n.252, 1987. pp.21-23.
- DIAS, L.M.C. - Jean Nouvel e a Habitação Social, EESC/USP. São Carlos, 1995.
- DUMONT, Marie-Jeanne, FROMONOT - Le Logement, une histoire française, *in*: Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui. 303, 1996, pp.75-95

- ELEB-VIDAL, Monique - L'Art du Plan et de la Lumière, *in*: Rev. Techniques et Architecture n. 375. Paris, 1987, pp.138-141
- ELEB-VIDAL, M., CHATELET, A-M, MANDOUL, Th.- La flexibilidad como dispositivo, *in*: Quaderns 202. Barcelona, 1994. pp. 98 a 106.
- ELEB-VIDAL, M., CHATELET, A-M, MANDOUL, Th. - Penser l'habité: le logement en questions, Pierre Mardaga Editeur. Liège,1988.
- FUJI, W. (Ed.) GA Houses n.45. A.D.A. Edita. Tokyo
- GUERRAND,Roger-Henry - Espaços Privados, *in*: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Companhia das Letras, São Paulo, 1987, vol.4
- HUET, B. - Concours de Circonstances, *in*: Rev. Techniques & Architecture, n.410,1993. pp.58-67.
- HUET, B. - Dossier Recherche Habitat, *in*: Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui, n.176, 1974.pp.01.
- JOEDICKE, J. - Candilis, Josic, Woods, Uma década de Arquitetura e Urbanismo, Gustavo Gilli, Barcelona, 1968.
- JULIENNE, L., MANDON, J.M. - Le logement en question: une mutation qui tarde, *in*: Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 239, 1986, pp. 42-47

- 
- PERROT, Michelle - A família triunfante, *in*: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, Companhia das Letras, São Paulo, 1987, vol.4.
- PERROT, Michelle - Maneiras de Morar, *in*: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, São Paulo, 1987, vol.4.
- PROST, Antoine - Fronteiras e espaços do privado, *in*: História da Vida Privada - Da Primeira Guerra a nossos dias, Companhia das Letras, São Paulo, 1987, vol.5
- REBOIS, D. (Coord.) - EUROPAN 1 - Réalisations/Implementations. Pandora Editions. Paris, 1991.

- SPERLING, D. M.; INO, A.; TRAMONTANO, M.; - Jean Nouvel, Projetos e Obras 1972-1994. Relatório parcial de iniciação científica CNPq/Pibic. São Carlos, EESC-USP, 1996.
- SPERLING, D. M.; INO, A.; TRAMONTANO, M.; - Habitação Social na Obra de Jean Nouvel: seus contextos, suas propostas e suas consequências . Relatório final de iniciação científica CNPq/Pibic. São Carlos, EESC-USP. 1996.
- TRAMONTANO, M. - Novos modos de vida, Novos espaços de morar, EESC/USP. São Carlos, 1993.
- TRAMONTANO, M. - Habitação Moderna: a construção de um conceito, EESC/USP. São Carlos, 1993.
- WERNER, J. - Adaptaciones Cotidianas, *in*: Quaderns 202. Barcelona, 1994.

Revistas

L'Architecture D'aujourd'Hui: 1, 4, 9, 11, 12, 16/17, 18/20, 30/32, 40, 45, 46, 49, 52, 53, 57, 58, 63, 66, 74, 85, 87, 89, 96, 97, 104, 122, 136, 139, 148, 170, 172, 174, 175, 179, 184, 187, 194, 196, 202, 203, 206, 209, 220, 225, 234, 239, 244, 252, 253, 259, 260, 261, 271, 276, 277, 286, 295, 303

L'Homme & L'Architecture edição especial Marcel Lods

Techniques & Architecture: 5/6 (7), ½ (10), 11/12 (12), 34 (12), 7/8 (13), 11/12 (13), ½ (14), 2 (15), 3 (16), 6 (16), 3 (17), 1 (18), 5 (18), 2 (19), 4 (19), 3 (20), 4 (20), 5 (20), 6 (20), 1 (21), 4 (21), 5 (21), 6 (21), 5 (22), 6 (22), 1 (23), 4 (23), 6 (23), 1 (24), 5 (24), 4 (25), 2 (27), 5 (27), ¼ (31), 2 (32), 3 (32), 3 (32), 4 (32), 1 (33), 2 (33), 2 (34), 4/5 (34), 6 (34), 291, 295, 296, 302, 366, 375, N.E. 93, 392, 393, 397, N.E. 94, 406, 410, 412, 423, 425







# SOBRE A PESQUISA

57, 58, 63, 66, 74, 85, 87, 89, 96, 97, 104, 122, 136, 139, 148, 170, 172, 174, 175,  
179, 184, 187, 194, 196, 202, 203, 206, 209, 220, 225, 234, 239, 244, 252, 253,  
259, 260, 261, 271, 276, 277, 286, 294, 295, 303

GA Houses: 42

Le Moniteur Architecture: edições anuais de 1991, 1992, 1993, 1994, 1994, 59  
03/95, 1996.

L'Homme & L'Architecture edição especial sobre  
Marcel Lods

Quaderns: número 214

Techniques & Architecture: números 5/6 (7),

1/2 (10), 11/12 (12), 34 (12), 7/8 (13), 11/

12 (13), 1/2 (14), 2 (15), 3 (16), 6 (16), 3

(17), 1 (18), 5 (18), 2 (19), 5 (19), 3 (20),

4 (20), 5 (20), 6 (20), 1 (21), 4 (21), 5

(21), 6 (21), 5 (22), 6 (22), 1 (23), 4

(23), 6 (23), 1 (24), 5 (24), 4 (25), 2

(27), 5 (27), 3/4 (31), 2 (32), 3 (32), 3 (32), 4

(32), 1 (33), 2 (33), 2 (34), 4/5 (34), 6 (34), 291, 295, 296,

302, 366, 375, N.E. 93, 392, 393, 397, N.E. 94, 404, 406, 410, 412, 423, 425



